



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

A DISSUAÇÃO NUCLEAR NA GUERRA FRIA: ESTRATÉGIA, CONFLITO E EQUILÍBRIO DE PODER

[Nuclear Deterrence in the Cold War: Strategy, Conflict and balance of power]

Projeto de Licenciatura

Ciência Política e Relações Internacionais

Pedro Duarte Pinto Barciela

Orientadora:

Professora Doutora Judite Gonçalves de Freitas

Junho de 2025

A DISSUAÇÃO NUCLEAR NA GUERRA FRIA: ESTRATÉGIA, CONFLITO E EQUILÍBRIO DE PODER

[Nuclear Deterrence in the Cold War: Strategy, Conflict and balance of power]

Projeto de Licenciatura

Ciência Política e Relações Internacionais

Pedro Duarte Pinto Barciela

Orientadora:

Professora Doutora Judite Gonçalves de Freitas

Junho de 2025

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel da dissuasão nuclear nas relações internacionais durante a Guerra Fria (1947-1991), com ênfase na forma como a ameaça de represálias nucleares estruturou o equilíbrio de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética. A investigação busca compreender de que modo os conceitos de Destruição Mútua Assegurada (DMA), dissuasão ampliada e equilíbrio do terror influenciaram as doutrinas militares e diplomáticas das superpotências, bem como os impactos desses conceitos na segurança internacional e nos processos de negociação de acordos de controle de armamentos, como o Tratado de Não Proliferação Nuclear (1968) e os tratados SALT e START. Para alcançar esses objetivos, a metodologia adotada consistiu numa pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, baseada em revisão bibliográfica de fontes primárias e secundárias, incluindo bibliografia, tratados internacionais, estudos de caso de crises nucleares — com destaque para a Crise dos Mísseis de Cuba (1962) — e literatura especializada em relações internacionais e estratégia militar. Irei também mencionar outros conflitos para melhor estudo desta questão, como por exemplo a Guerra das Coreias (1950-1953). A análise dos dados permitiu evidenciar que, embora a corrida armamentista nuclear tenha ampliado os riscos de destruição global, a dissuasão nuclear constituiu um mecanismo fundamental para evitar confrontos diretos entre as superpotências, sustentando um equilíbrio instável, mas eficaz, na preservação da paz relativa no contexto da Guerra Fria.

Palavras-chave: Dissuasão Nuclear; Guerra Fria; Destruição Mútua Assegurada (DMA); Crise dos Mísseis de Cuba; Segurança Internacional.

Abstract

The present study aims to analyze the role of nuclear deterrence in international relations during the Cold War (1947–1991), with an emphasis on how the threat of nuclear retaliation shaped the balance of power between the United States and the Soviet Union. The research seeks to understand how the concepts of Mutual Assured Destruction (MAD), extended deterrence, and the balance of terror influenced the military and diplomatic doctrines of the superpowers, as well as the impact of these concepts on international security and on the negotiation processes of arms control agreements, such as the Treaty on the Non-Proliferation of nuclear weapons (1968) and the SALT and START agreements. To achieve these objectives, the methodology employed consisted of a qualitative, exploratory, and descriptive research approach, based on a literature review of primary and secondary sources, including academic works, international treaties, case studies of nuclear crises—particularly the Cuban Missile Crisis (1962)—and specialized literature in international relations and military strategy. The data analysis revealed that, although the nuclear arms race increased the risk of global destruction, nuclear deterrence served as a fundamental mechanism to prevent direct confrontations between the superpowers, sustaining an unstable yet effective balance in maintaining relative peace during the Cold War.

Key words: Nuclear Deterrence; Cold War; Mutual Assured Destruction (MAD); Cuban Missile Crisis; International Security

Siglas e abreviações

ABM – *Anti-Ballistic Missile*

EUA – Estado Unidos da América

INF – *Intermediate-Range Nuclear Forces*

KGB – *Komitet Gosydarstvennoy Bezopasnosti*

MAD – *Mutual Assured Destruction*

NATO – *North Atlantic Treaty Organization*

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização Tratado Atlântico Norte

RDS – *Reaktivnyi Dvigatel Specialny*

SALT – *Strategic Arms Limitation Talks*

START – *Strategic Arms Reduction Treaty*

TNP – Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Índice

Resumo	IV
Abstract	V
Siglas e abreviações	VI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - Origens e desenvolvimento da Era Nuclear	3
1.1 O desenvolvimento das primeiras armas nucleares	3
1.2. Porquê Hiroshima e Nagasaki?	5
1.3 Corrida Armamentista dos EUA e URSS	6
Capítulo II - As principais doutrinas militares nucleares	8
2.1. A cortina de ferro e o plano de Churchill	8
2.2. Doutrina Truman	8
2.3. Plano Molotov	9
CAPÍTULO III – As políticas armamentistas dos EUA e da URSS.....	10
3.1 Conceito de destruição mútua assegurada (MAD)	10
3.2. Política de retaliação massiva	11
3.3. NATO e o Pacto de Varsóvia.....	11
3.4. Exercício Able Archer 83 (1983)	12
3.5. EUA e o financiamento de Golpes de Estado	13
Capítulo IV - Eventos-Chave da Guerra Fria e a Dissuasão Nuclear	14
4.1. Guerra das Coreias (1950 -1953)	14
4.2. Crise dos mísseis em Cuba (1962)	14
4.3. A Guerra Fria tardia e a política de "Star Wars" de Reagan	15
Capítulo V - O Papel dos Tratados de Controle de Armas Nucleares	16
5.1 Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP)	16
5.2 Acordos SALT e START	16
Conclusão	18
Referências bibliográficas e documentais	19

INTRODUÇÃO

"Não sei como será a terceira Guerra Mundial, mas sei como será a quarta: com paus e pedras!" Albert Einstein (1879-1955)

Este projeto de graduação tem como tema "A dissuasão nuclear na Guerra Fria: Estratégias, Conflitos e Equilíbrio de poder" e construí o término do grau de licenciado em Ciências Política e Relações Internacionais na Universidade Fernando Pessoa.

Optei por este tema por ser um assunto que me desperta particular interesse, além de permitir um paralelo com a atualidade, especialmente considerando que, como tem sido observado, estamos a viver uma espécie de 'nova Guerra Fria'. A escolha baseia-se também na sua relevância para a compreensão das relações internacionais, da segurança global e da evolução das estratégias militares no século XX. Sabemos, por outro lado, que a dissuasão nuclear é amplamente estudada em Teoria das Relações Internacionais, especialmente nas escolas do realismo e neorealismo, com representantes em Thomas Schelling (1960) e Kenneth Waltz (1979) que analisaram como a posse de armas nucleares influenciou o comportamento das superpotências, impedindo conflitos diretos por meio do medo da Destruição Mútua Assegurada (MAD).

Escolhi também este tema por reunir três áreas que me interessam profundamente: História, Política e Relações Internacionais. Neste contexto, o problema de investigação é o seguinte: Em que medida a dissuasão nuclear condicionou as estratégias político-militares das superpotências durante a Guerra Fria e contribuiu para a manutenção de um equilíbrio de poder estável, evitando confrontos diretos de larga escala?

Como objetivo geral procurarei analisar a dissuasão nuclear durante a Guerra Fria, avaliando o seu impacto na estratégia militar, nos conflitos indiretos e no equilíbrio de poder entre as superpotências, com base nas teorias de Relações Internacionais e na segurança global.

Os objetivos específicos deste trabalho são examinar os principais eventos históricos relacionados com a dissuasão nuclear, como a Crise dos Mísseis em Cuba (1962) e os tratados de controle de armas nucleares (SALT, START e TNP); investigar o impacto da dissuasão nuclear na geopolítica da Guerra Fria, analisando como essa estratégia influenciou conflitos indiretos, alianças militares e a corrida armamentista; e, finalmente, avaliar as consequências da dissuasão nuclear para a segurança internacional atual, considerando a proliferação nuclear e o papel das armas nucleares no cenário geopolítico contemporâneo.

A abordagem metodológica assenta na pesquisa qualitativa, incluindo a exploração de conceitos, estratégias e impactos da dissuasão nuclear sem foco em dados estatísticos, mas sim na interpretação de fontes primárias e secundárias. O estudo faz uso do método documental, partindo da análise de fontes primárias e secundárias relacionadas ao tema da dissuasão nuclear durante a Guerra Fria. No que respeita às fontes primárias damos prioridade aos tratados, discursos, memorandos militares e relatórios estratégicos dos EUA e da URSS para compreender a formulação e a aplicação da dissuasão nuclear, v.g. o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP, 1968), documento-chave sobre o controle da proliferação de armas nucleares, os Acordos SALT I (1972) e SALT II (1979), os Tratados entre EUA e URSS para limitação de armas estratégicas, e o Tratado INF (1987). Quanto às fontes secundárias privilegiamos as obras académicas, artigos científicos (publicados no *International Security*, *Journal of Strategic Studies* e *Foreign Affairs*) e livros de especialistas, como por exemplo Thomas Schelling, Kenneth Waltz ou John Lewis Gaddis.

O projeto está dividido em 5 capítulos, conforme descrito a seguir.

O Capítulo I incide sobre o surgimento da era nuclear no contexto da Segunda Guerra Mundial e a sua posterior expansão como fator central na geopolítica global do século XX.

O Capítulo II centra-se nas doutrinas militares, sendo fundamental para compreender as origens da tensão durante a Guerra Fria e a posição assumida pelas principais potências durante o conflito.

O Capítulo III consiste em explicar as políticas armamentistas, de forma a entender melhor toda a tensão envolvida na Guerra Fria, demonstrando potenciais conflitos e decisões tomadas ao longo do período que influenciaram bastante a balança de poder.

O Capítulo IV realça os eventos mais importantes da Guerra Fria relacionados com a questão nuclear, analisando como a tensão chegou a níveis que quase desencadearam conflitos nucleares, bem como o papel das políticas que tanto intensificaram essas crises quanto posteriormente contribuíram para a dissuasão.

O Capítulo V consiste em analisar os tratados antinucleares ratificados para a contribuição da dissuasão nuclear, e o impacto que isso teve na Guerra Fria.

CAPÍTULO I - Origens e desenvolvimento da Era Nuclear

No início da Segunda Guerra Mundial, Albert Einstein assinou uma carta escrita por Leó Szilárd e Eugene Paul Wigner que veio a ser conhecida como "Carta Einstein-Szilárd" (1939), entregue a Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América, explicando o receio sobre uma potencial arma de destruição devastadora que a Alemanha Nazi, controlada por Adolf Hitler, estivesse a produzir. Einstein assinou a carta, segundo o próprio, o maior erro que ele alguma vez fez na vida. (Rhodes, 1986; Enciclopédia Britânica, s/d; Mendonza, s/d)

1.1 O desenvolvimento das primeiras armas nucleares

O surgimento das armas nucleares foi um dos eventos mais impactantes do século XX, mudando completamente a geopolítica e a estratégia militar global. Em 1941, Franklin Roosevelt autorizou o projeto da primeira bomba nuclear, com o objetivo de estar completo antes do final da guerra. Com isso, foi criado o "*Projeto Manhattan (1942-45)*", impulsionado pela corrida tecnológica, que promovia a pesquisa, desenvolvimento e produção de armamento nuclear. O projeto tinha centros de pesquisa em locais como Los Alamos (Novo México), Oak Ridge (Tennessee) e Hanford (Washington).

Foi criada uma equipa entre militares e físicos, sendo o diretor do projeto o Major-General Leslie Groves, tendo ele escolhido, com alguma retaliação dos seus colegas, Robert Oppenheimer, dado que o mesmo não era um dos maiores físicos na altura e também tinha ligações com partidos comunistas, o que deu alguma incerteza ao Governo dos EUA para dar as credenciais de acessos confidenciais ao físico.

Foi Oppenheimer quem projetou a bomba, tanto a parte exterior como o interior, tendo sido ele quem escolheu a composição e utilização de Urânio para intensificar a explosão e dano feito pela bomba. (Bird & Sherwin, 2005)

O teste da bomba nuclear foi feito a 16 de julho de 1945, com o nome de "*Teste Trinity*" e foi considerado um grande sucesso, a bomba fazia uma imensa destruição e os objetivos do "*Projeto Manhattan*" foram atingidos (Reed, 2015).

O sucesso do Projeto Manhattan foi confirmado com o Teste Trinity em julho de 1945, seguido pelos bombardeamentos atômicos de Hiroshima e Nagasaki em agosto do mesmo ano, sob a presidência de Harry Truman. Estes eventos inauguraram a Era Nuclear e influenciaram diretamente as relações internacionais no período pós-guerra.

1.2 O Impacto das bombas de Hiroshima e Nagasaki

Os bombardeamentos nucleares de Hiroshima e Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial, foram os únicos ataques na história em que armas nucleares foram utilizadas em combate. Os Estados Unidos decidiram usar bombas atômicas contra o Japão com o objetivo de forçar a rendição do país e encerrar a guerra rapidamente. O Japão, mesmo diante da derrota iminente, resistia a render-se incondicionalmente, conforme exigido pelos Aliados. Com a rendição da Alemanha e com a pressa do mundo a querer acabar esta guerra mundial, os EUA decidiram lançar uma bomba primeiro em Hiroshima, sendo a bomba intitulada de "*Little Boy*", e, posteriormente, com a não rendição do Japão foi lançada a "*Fat Man*", em Nagasaki, sendo ela mais forte que a primeira lançada (Reigota, 2015).

Em termos técnicos "*Little Boy*" teve 16 quilotons, equivalente a 16 mil toneladas de TNT e a "*Fat Man*" teve 20 mil quilotons, equivalente a 20 milhões de toneladas de TNT, ou seja, foi significativamente mais forte.

Para contexto, o Japão tinha atacado Pearl Harbor em 1941 e foi esse ato que fez os EUA a entrarem na Segunda Guerra Mundial, oficialmente. Foi um ato que traumatizou os EUA, dado que foi um ataque numa época em que o Japão não estava em guerra com os EUA, ou seja, foi um ataque surpresa.

Para além dos EUA quererem acabar a guerra eles também tinham um grande ressentimento quanto ao Japão e uma grande sensação de vingança, e a bomba nuclear serviu para efetuar-la.

Primeiro alvo foi Hiroshima, o ataque aconteceu a 6 de agosto de 1945, menos de 1 mês após o "*Test Trinity*" e foi devastador, a cidade de Hiroshima ficou completamente dizimada e as famílias atingidas têm danos até hoje, tanto por causa das pessoas perdidas e também por causa da radiação.

O segundo alvo foi Nagasaki, pois, mesmo após o lançamento da primeira bomba, o Japão não se rendeu devido a uma forte valorização da honra, considerando a rendição algo pior do que a própria morte. O ataque ocorreu em 9 de agosto de 1945 e causou uma destruição ainda maior, intensificando o choque e a pressão sobre o país. (Vasconcelos, 2012)

Com o lançamento da segunda bomba e a ameaça dos EUA de bombardear Tóquio com uma arma nuclear, o Japão rendeu-se, o que resultou no fim da Segunda Guerra Mundial e no início do processo de reconstrução e democratização do país.

1.2. Porquê Hiroshima e Nagasaki?

Esta questão foi muito debatida entre os oficiais militares dos EUA, porque ao mesmo tempo que eles queriam fazer uma demonstração de poder o objetivo principal deles era assustar os Japoneses de uma forma que eles se rendessem.

Com isso eles tinham vários critérios para os locais onde iam lançar as bombas, os locais deveriam ser muito urbanos, com uma boa quantidade de população, vários alvos militares, que nunca tivesse sido bombardeado e também que gerasse uma decente capital para o Japão. Cidades como Tóquio e Osaka já tinham sido fortemente bombardeadas com bombas incendiárias. Hiroshima e Nagasaki estavam relativamente intactas, o que permitiria medir melhor os efeitos da bomba atômica. O objetivo era demonstrar a força devastadora da bomba nuclear e pressionar o Japão a render-se. Também servia como um aviso para a URSS, mostrando que os EUA possuíam uma arma extremamente poderosa no cenário pós-guerra (Hersey, 1946). O primeiro alvo Hiroshima, cumpriu todos os requisitos para o bombardeio, mas Nagasaki não, já que ela não foi o alvo que era suposto ser atacado e sim Kokura, uma cidade próxima de Nagasaki, a questão é que no dia 9 de agosto de 1945, Kokura estava com tempo nublado o que não favorecia o lançamento da bomba, então as tripulações e a rede de comandos decidiu alterar o alvo da bomba para Nagasaki. (Okuno, 2015)

A questão de os EUA atacarem dois locais em vez de apenas um, era para demonstrar aos Japoneses que se eles quisessem podiam continuar a mandar bombas nucleares até eles se renderem, então após a bomba de Nagasaki e ameaças dos EUA lançarem bombas nucleares em Tóquio, Japão rendeu se, com a formalização da sua rendição a ser em 2 de setembro de 1945.

Com os EUA com uma bomba de grande destruição nas suas mãos, a URSS ia querer algo igual para um equilíbrio da balança de poder, então desde 1945 começou uma corrida armamentista nuclear que a União Soviética se conseguiu igualar em 1949 com o desenvolvimento da sua própria bomba nuclear a RDS-1.

Isto foi conseguido dado a espões russos infiltrados no plano nuclear americano que deu uma grande ajuda aos Soviéticos para o desenvolvimento de uma bomba nuclear.

As bombas nucleares foram um tema central na Guerra Fria e com isso foram feitos vários tratados, mudanças em doutrinas militares, diplomática e também no Direito Internacional. (Beier, 2016)

1.3 Corrida Armamentista dos EUA e URSS

Desde o começo da Guerra Fria os EUA e a URSS tiveram em vários conflitos e corridas, como a corrida espacial e claro a corrida armamentista, que consistiu bastante na corrida nuclear e que incluiu mais tarde as bombas termonucleares (Bombas de hidrogênio).

Neste contexto, "*Little Boy*" (1945) foi a primeira bomba nuclear produzida e utilizada em contexto de ataque, com a utilização dessa bomba e também uma boa eficácia comprovada, fez com que a balança de poder ficasse desequilibrada, para o lado dos EUA. Também com a utilização da sua segunda bomba nuclear "*Fat man*" em Nagasaki provou que os EUA tinham mais do que uma bomba produzida, como também conseguiriam produzir ainda mais. Mais tarde, a primeira bomba atômica soviética - RDS-1 (1949) -, conseguiu equilibrar a balança de poder, mas ao mesmo tempo também causar mais tensão no mundo.

Agentes da KGB infiltrados no programa nuclear dos EUA ajudaram a URSS a desenvolver a sua primeira bomba, testada em 29 de agosto de 1949, surpreendendo o Ocidente, que esperava esse evento apenas para 1953. Esta bomba foi um ponto de viragem na Guerra Fria, já que agora a URSS e os EUA estavam de igual para igual.

De outro lado, as operações nucleares como a Castle Union (1954), produziram uma bomba termonuclear dos EUA, foi a bomba com mais megatons dos EUA, tendo ela 6.9 megatons, até hoje é a bomba nuclear mais forte dos EUA. (Cirincione, 2008)

As bombas termonucleares são bombas nucleares com hidrogênio, o que potencializa ainda mais a sua explosão, este teste foi muito importante dado a ser um dos primeiros a utilizar esta tecnologia.

O teste desta bomba foi feito em 16 de abril de 1954 e foi um enorme sucesso para os EUA, dado que a bomba superou as suas expectativas e também de ser a sua bomba mais forte do seu arsenal.

A questão desta bomba é que ela era muito cara para ser produzida, então foram feitas poucas delas. (Freedman, 2003)

A *Tsar Bomb* foi feita e testada em 1961, sendo a bomba nuclear mais forte da URSS e também a mais forte já feita alguma vez. (Narayanan, s.d)

A bomba foi testada a 30 de outubro de 1961, sendo um grande sucesso, ela tinha inicialmente 100 megatons, mas no final foi diminuído para 50 megatons dado aos seus grandes riscos de radiação e o seu raio de explosão absurda.

Para se ter noção, tudo a um raio de 55km da explosão ficou completamente devastado, em território soviético a 1150km algumas casas colapsaram e na Finlândia, por volta de 1400km algumas janelas foram partidas.

Mas em questões praticas, esta bomba foi apenas uma demonstração de poder e não uma bomba que seria uma boa utilização em uma guerra, dado que a bomba era muito grande e seria abatida com alguma facilidade com medidas antinucleares.

Mas até hoje a explosão da *Tsar Bomb* foi a maior explosão feita por seres humanos.

Capítulo II - As principais doutrinas militares nucleares

Com a Guerra Fria foram desenvolvidas várias doutrinas para a questão nuclear e ordem mundial, questões que ou favoreciam ou desfavoreciam guerras nucleares, esta questão foi bastante falada e questionada no início da Guerra Fria, tanto que, as doutrinas que irei descrever aqui vão apenas até 1948, dado que reportam a uma altura em que os EUA dominavam, dado que eles eram o único bloco detentor das armas nucleares. Assim, a ausência do conceito de destruição mútua estava assegurada. Não obstante a intenção Churchill ser a de invasão da URSS, o extraordinário desgaste com a Segunda Guerra Mundial e o medo de começar uma terceira, impediram-no de concretizar essa ideia (Walker, 2006).

2.1. A cortina de ferro e o plano de Churchill

Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial acabar, Winston Churchill teve uma ideia, invadir a União Soviética, utilizando até recursos da recém-nascida bomba nuclear, inclusive esta questão teve o nome de "operação impensável", no final o plano não foi para a frente, dado a ser algo extremamente arriscado e ia dar início a uma terceira guerra mundial, antes mesmo da segunda ter acabado. (Walker, 2006)

Um ano depois da consideração da "operação impensável", Churchill fez um discurso que chamava o atual estado da Europa "Uma cortina de ferro", a Europa estava dividida em dois blocos, referindo que os países orientais estavam sob influência Soviética.

Churchill fazia apelo para a união da Europa, para a segurança global. (Churchill, 1946)

2.2. Doutrina Truman

A doutrina Truman foi a doutrina que oficialmente começou a Guerra Fria, em que Harry Truman, presidente dos EUA, fazia um discurso que dizia defender os países capitalistas a ameaça comunista. (Hobsbawm, 1994)

Neste mesmo discurso Truman referiu o que viria a ser o plano Marshall, plano que iria ajudar financeiramente os países ocidentais que tiveram de reconstruir o seu país dado a Segunda Guerra Mundial e também que tiveram questões de guerra civil, como foi o caso da Grécia que na altura deste discurso estava a passar por uma Guerra civil no seu país, entre um lado capitalista e outro comunista. (Truman, 1947)

2.3. Plano Molotov

O plano Molotov foi a resposta da União Soviética a Doutrina Truman e Plano Marshall, sendo um plano que a URSS defenderia os seus países comunistas contra o capitalismo e também os ajudava financeiramente, assim como o plano Marshall para o mundo ocidental. (McGlinchey, 2009)

Com estas duas doutrinas a Guerra Fria começou oficialmente, toda a gente já sabia que o mundo estava dividido tanto no bloco capitalista como comunista o que deu a origem a vários conflitos de influência e *close calls* nucleares (Ávila, Martins & Cepik, s.d.).

CAPÍTULO III – As políticas armamentistas dos EUA e da URSS

Durante a Guerra ambos os blocos tiveram se de adaptar a esta nova era nuclear, com isso surgiram novas doutrinas nucleares que irei abordar neste capítulo.

Com a balança de poder equilibrada qualquer um poderia começar uma guerra completamente devastadora, então as nações tentavam ao máximo evitar conflitos diretos, daí veio as *proxy wars* que são guerras não lutadas diretamente entre as grandes nações. Essas mesmas nações selecionavam Estados mais pequenos para combater entre si, isto foi bastante utilizado na Guerra Fria, com o primeiro exemplo sendo a guerra das Coreias (1950-1953), que como a maior parte das *proxy wars* foi uma guerra ideológica, para ver qual dos governos, capitalista ou comunista, controlaria a península Coreana.

A guerra das Coreias foi das primeiras alturas em que a bomba nuclear foi cogitada na Guerra Fria, sendo uma ideia do General Douglas MacArthur, que tinha não só a ideia de utilizar a bomba nuclear como também continuar a guerra para território chinês, dado que a Coreia do Norte era bastante financiada pela China, mas no final, por motivos como a doutrina de destruição mútua (MAD) a opção nuclear foi descartada. (Sandler, 2014)

3.1 Conceito de destruição mútua assegurada (MAD)

Os fundamentos e a estratégia de MAD são explicados pela teoria da dissuasão, onde a ameaça implícita do uso de armas poderosas é essencial para prevenir que o inimigo use as mesmas armas contra si. Esta estratégia é uma forma de equilíbrio, onde nenhum dos lados, uma vez armado, tem incentivo para desarmar; e de equilíbrio de poder onde adversários nucleares possuem capacidades de retaliação sobreviventes que garantem que nenhum dos lados possa escapar da devastação em uma guerra nuclear total. A vulnerabilidade mútua é vista como uma condição inalterável. (Tudball, Caginalp & Swigon, 2011).

O conceito de Destruição Mútua Assegurada (MAD) é uma doutrina de estratégia militar e política de segurança nacional que emergiu durante a Guerra Fria. Esta doutrina baseia-se na ideia de que o uso em larga escala de armas de destruição em massa por dois lados opostos resultaria na aniquilação completa e irrevogável de ambos, tornando a guerra sem vitória ou armistício, mas apenas destruição recíproca efetiva. Por conseguinte, não haveria vencedores nessa guerra, apenas derrotados. Esta teoria foi a base de dissuasão na Guerra Fria, ou seja, potencialmente esse é o maior porquê da URSS e dos EUA não terem entrado em conflito direto, mas houve muitas "*close calls*" em que o mundo esteve próximo de ser completamente destruído. (Jervis 2002)

3.2. Política de retaliação massiva

Como o próprio nome diz, a política de retaliação massiva é uma estratégia diplomática para dissuasão do conflito em geral, no caso com um comportamento mais agressivo e direto e utilizando ultimatos com ameaça de uma grande retaliação, incluindo retaliação nuclear. Esta política foi uma estratégia de dissuasão nuclear que prometia uma resposta nuclear esmagadora a qualquer ataque, nuclear ou convencional, contra os Estados Unidos ou seus aliados. Esta estratégia visava dissuadir ataques ao garantir que qualquer agressão resultaria em uma resposta devastadora. Nixon foi quem implementou esta doutrina, principalmente refletindo do falhando da Guerra do Vietname, que foi uma grande vergonha para os EUA, então Nixon tinha a proposta de ser mais agressivo com os seus oponentes e de não aceitar um "não". (Hamburg, 1974; Gavin, 2012)

3.3. NATO e o Pacto de Varsóvia

Em 1949 vários países ocidentais reuniram-se e criaram *North Atlantic Treaty Organization*, também conhecida como NATO ou OTAN em Português, é uma aliança militar que ainda existe até aos dias de hoje. Portugal foi um dos 12 países que fundaram a NATO.

Esta organização tem como objetivo defender todos os seus membros, para a sua fundação foi assinado o Tratado Atlântico Norte, que é a base da OTAN fundamentalmente, tendo como um dos seus artigos mais importantes o Artigo 5º, que refere que se algum país atacar um dos membros da NATO todos os seus membros seriam considerados um ataque a todos.

A criação desta organização fez um grande trabalho em destabilizar a balança de poder, já que 12 países, até então, estavam juntos em uma aliança militar, o que foi visto como uma afronta a União Soviética (Stromseth, 1988).

Como resposta, em 1955 foi criado o Pacto de Varsóvia, tendo o nome oficial de Tratado de Amizade cooperação e assistência Mútua, e a aliança consistia na União Soviética e nos seus Estados Satélites.

O objetivo do Pacto de Varsóvia era de defesa e execução de exercícios militares entre todos.

O pacto de Varsóvia servia basicamente para o mesmo propósito que a OTAN também existia, para a defesa mútua de todos os seus integrantes, mas foi bastante importante para o equilíbrio de poder, e claro, foi uma afronta e uma resposta direta ao bloco ocidental (Fernandes, 2023).

3.4. Exercício Able Archer 83 (1983)

O exercício Able Archer 83 foi um exercício militar feito pela OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte) feito em 1983 que simulava um ataque nuclear soviético em grande escala a Europa e aos EUA.

Estes tipos de exercício eram feitos anualmente e fazia parte de um exercício chamado "*Autumn Forge*". A questão é que as tensões entre o bloco comunista e capitalista estavam muito tensas, com Ronald Reagan tendo há pouco tempo instaurado a política "*Star Wars*" que defendia os EUA de um ataque Soviético, e claro, sendo o Reagan um Anticomunista convicto, fez com que escalasse ainda mais a Guerra Fria, dado as suas declarações que a União Soviética era o império do mal. Algo que também fez as tensões ficarem altas nessa altura foi a abate do avião da Korean Arline 007, avião que ia do Alasca até a Coreia do Sul e que foi abatido pelos Soviéticos a meio do voo, dado a ser confundido por um avião espião já que saiu fora da rota que tinha e também não respondeu a correspondências Soviéticas por rádio, o que fez com que a URSS o confundisse com um avião espião.

Com as tensões muito altas e os soviéticos a detetarem demasiada movimentação militar por parte da OTAN, incluindo movimentação de bombas nucleares, os Soviéticos pensaram que ia acontecer um ataque nuclear e potencialmente uma invasão do seu território.

Como resposta a esse potencial ataque a União Soviética começou a preparar a sua retaliação. Com isso vários pontos de comunicação na parte Oriental da Europa iluminaram-se de forma a passarem uma mensagem de alguma forma aos agentes e militares estacionados nos países satélite da União Soviética, mensagem essa que significa que a 3ª Guerra Mundial estava prestes a acontecer, mas os militares e agentes interpretaram essa mensagem como um exercício/treinamento e não como algo real. Depois de tudo a URSS percebeu que as movimentações no lado ocidental da Europa apenas eram um exercício e não um ataque real, o que fez com que eles parassem a sua preparação para a potencial guerra e ataque.

Com o grande susto que foi este exercício militar, isso deu assas também para as ratificações do Tratado Sobre Armas Nucleares de 1987. Este exemplo de MAD é ótimo dado o que se seguiu que foi a assinatura de um tratado para evitar que algo do gênero acontecesse de novo. (Blaton, 2016)

3.5. EUA e o financiamento de Golpes de Estado

Perante toda a Guerra Fria, os EUA, financiaram e ajudaram em vários golpes de Estado em volta do mundo. Geralmente tinham a justificação de problemas de segurança nacional, mas era para impedir a proliferação do comunismo e acontecer efeitos dominós por todo o mundo, com isso, os EUA financiavam golpes de Estado e colocavam um Governo que tivesse a sua aprovação para assim a influência dos Estados Unidos ser estabelecida nesse local.

Isto causava uma mudança na balança de poder, com mais países aliados ao bloco ocidental a balança era mais pesada para esse lado, enquanto a URSS tinha menos Estados na sua esfera de influência. Esta questão dos golpes de Estado foram algo grande durante a Guerra Fria, que se saiba os EUA tiveram influência nos golpes de Estado de: Guatemala, sendo ele talvez o mais famoso, Congo, Brasil, Chile, Chade entre outros.

Estes golpes de Estado foram bastante importantes para os EUA, para mantarem a maior parte do mundo a seu lado, mas foi uma questão bastante problemática para os países que sofreram com esses golpes de Estado, já que os Governos consistiam em ditaduras que tiveram os seus direitos e liberdades, sendo assim também um grande problema. (Gesteira, 2015)

Capítulo IV - Eventos-Chave da Guerra Fria e a Dissuasão Nuclear

4.1. Guerra das Coreias (1950 -1953)

A Guerra das Coreias foi um conflito que aconteceu desde 1950 até 1953, sendo um dos primeiros grandes conflitos da Guerra Fria, que fez a União Soviética e os Estados Unidos entrarem na primeira "*Proxy war*" da Guerra Fria.

A Guerra das Coreias foi um conflito de ideologia, em que num lado, o Norte neste caso, tínhamos o comunismo, imposto pela URSS e mantido pela mesma também. O lado sul era controlado pelo bloco capitalista, neste caso imposto pelos EUA.

Durante alguns anos esses Governos estavam sobre a ser controlados como Estado fantoche tanto da URSS (Norte) e EUA (Sul), mas em 1948 a URSS deixou a Coreia do Norte ser soberana e no ano seguinte, 1949, EUA fez o mesmo com o lado Sul. (Jervis 1980)

Após 1949 a Guerra civil chinesa acabou, o que tornou a China em um Estado comunista, logo tinha braços abertos para a URSS e também com a Coreia do Norte, isso deu a confiança a URSS e a Coreia do Norte para iniciarem assim uma guerra entre as Coreias para tentar uma reunificação, em uma só Coreia, com um Governo comunista.

A guerra começou com uma guerra surpresa do lado norte, que conseguiram encurralar os sul coreanos em um dos cantos da península, aí os EUA envolveram se no conflito, retaliando e deixando os norte coreanos encurralados, nesse momento a china entrou na guerra. Em reação, os EUA chamaram a ONU que logo enviaram tropas.

Após isso a guerra ficou estagnada no paralelo 38, e assinou se um armistício e em 2018 o tratado de paz foi assinado. (Rottman, 2002)

Na altura da Guerra, quando os EUA a ONU e os sul coreanos estavam a avançar na Coreia do Norte, um dos Generais Americanos encarregues da guerra, MacArthur tinha a ideia de não só unificar as Coreias, mas o próprio também era a favor de continuar a Guerra pela China utilizando assim também do arsenal nuclear dos EUA, mas, dado que a URSS já tinha desenvolvido o seu primeiro armamento nuclear e já possuía arsenal nuclear os Estados Unidos deixaram essa ideia de lado por medo de retaliação nuclear, sendo este um dos maiores exemplos de MAD, o medo da correspondência nuclear que é capaz de dizimar o mundo e a sociedade. (Leffler & Painter, 2005)

4.2. Crise dos mísseis em Cuba (1962)

Este evento ocorreu em outubro de 1962 e foi um dos momentos mais críticos da Guerra Fria, devido ao elevado risco envolvendo armas nucleares.

Após a Revolução Cubana de 1959, Cuba tornou-se um Estado comunista aliado da URSS, aumentando a tensão nos EUA por ter a ameaça tão próxima.

Previamente os EUA, já tinham colocado mísseis na Europa, mais concretamente na Turquia e na Itália, fazendo com que os seus mísseis fossem alcançáveis a território Soviético, o que fez com que a URSS retaliasse e colocasse mísseis em Cuba. (Chang L 1990)

Após a Revolução Cubana, o presidente Kennedy apoiou a falhada "Invasão da Baía dos Porcos" para derrubar o governo comunista, aumentando as tensões entre os blocos. (Gleijeses, 2009)

Após um avião espião dos EUA identificar mísseis nucleares em Cuba, os EUA impuseram um embargo parcial, aumentando a tensão ao ponto de o país atingir o nível DEFCON 2, com uma guerra nuclear iminente.

Após vários dias, Kennedy e Khrushov chegaram a um acordo, removendo os mísseis em países terceiros com supervisão da ONU, e também estabeleceram uma linha direta telefónica entre Washington e Moscovo para evitar conflitos e falhas de comunicação. (Trachtenberg, 1985)

4.3. A Guerra Fria tardia e a política de "Star Wars" de Reagan

O fim da Guerra Fria foi marcado tanto por tensões quanto pela assinatura de diversos tratados, mas uma das políticas mais curiosas foi a iniciativa "Star Wars", uma tentativa dos EUA de criar um sistema espacial de defesa contra ataques nucleares, visando tornar o país praticamente impenetrável.

O programa iria custar entre 100 e 200 bilhões de dólares e iria demorar por volta de uns 20 anos a ser concretizado, mas seria um completamente desestabilização da balança de poder a favor dos EUA, chegando ao ponto do conceito MAD ficar completamente de lado, porque os EUA iriam poder destruir completamente a URSS e os mesmos nem sequer iriam conseguir tocar os EUA.

A política "Star Wars" não conseguiu ser estabelecida até ao final da Guerra Fria, mas abalou decentemente os Soviéticos e também foi bastante criticado, dado a ser uma ideia aparentemente impossível e muito cara. (Bjork, 1988)

Capítulo V - O Papel dos Tratados de Controle de Armas Nucleares

Nas relações internacionais uma das maiores formas de interação, são os tratados, acordos entre países que envolvem sempre uma troca ou algum acordo mútuo, na Guerra Fria os tratados foram importantes para a diminuição das tensões e um alívio, nem que fosse apenas momentâneo.

5.1 Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP)

O TNP foi vigorado em 1970, tinha como objetivo o seu nome. Feito principalmente com o medo e ansiedade causados pela crise dos mísseis em Cuba, foi o primeiro ponto de cooperação nuclear entre o mundo, em que os países queriam diminuir o número de armas nucleares pelo mundo, mas utilizar energia nuclear.

O primeiro artigo do tratado é logo a não transferência de armas nucleares, deixando já uma estrutura para o resto do tratado. O restante tratado fala também sobre cooperação científica e a comercialização de materiais para esse mesmo meio, e refere também no final que qualquer Estado assinar e ratificar este tratado em qualquer altura.

5.2 Acordos SALT e START

Estes acordos foram negociações entre os EUA e a URSS, entre os anos de 1972 e 1993. Os acordos SALT I e II aconteceram primeiro (1972 e 1979), falavam respetivamente da diminuição direta de mísseis e submarinos capazes de mandar mísseis nucleares, este tratado foi outra consequência da crise dos mísseis em Cuba e também uma tentativa de apaziguar a Guerra Fria e juntas a URSS aos EUA.

Enquanto SALT I apresentava a medida de diminuição, SALT II reforçou essa medida ainda mais e também baniu novos programas de mísseis.

START I (1991), foi um pouco mais abrangente do que o SALT I e realmente diminuiu bastante o arsenal nuclear de ambos os países, foi ratificado em 1996, quando a URSS já tinha virado Rússia.

START II (1993) nunca foi ratificado, era para ser em 2002, mas a Rússia retirou o tratado em 2002, dado que os EUA saíram do tratado ABM, então como retaliação, Rússia saiu do START II.

O impacto desses tratados no mundo foi positivo, embora não tenham eliminado completamente a ameaça de guerra nuclear. Especialmente na década de 1980, eles

contribuíram para a redução da paranoia e da ansiedade global, resultando em uma Guerra Fria mais equilibrada e com menos momentos de tensão, ainda que de forma temporária. Esses acordos também serviram como base para os tratados nucleares subsequentes, uma vez que foram os primeiros do tipo. (Wolverton, 2022)

Conclusão

A análise da Era Nuclear, desde suas origens até aos desenvolvimentos e políticas armamentistas que marcaram a Guerra Fria, revela a complexidade e os desafios enfrentados pela humanidade em um mundo ameaçado pela destruição nuclear. O desenvolvimento das primeiras armas nucleares, culminando nos bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki, alterou para sempre o equilíbrio global e a percepção sobre os conflitos bélicos, dando início à corrida armamentista entre os Estados Unidos e a União Soviética.

As doutrinas militares nucleares, como a Doutrina Truman e o conceito de Destruição Mútua Assegurada (MAD), evidenciaram o novo paradigma de segurança internacional baseado na ameaça de retaliação nuclear, que, paradoxalmente, garantiu uma espécie de estabilidade tensa entre as superpotências. A formação de blocos militares como a NATO e o Pacto de Varsóvia, juntamente com a política de retaliação massiva, foram peças chave nesse jogo de poder, ao passo que eventos como a Crise dos Mísseis de Cuba e o exercício Able Archer 83 exemplificam os momentos de maior risco de um confronto nuclear direto.

A política de dissuasão nuclear, desenvolvida ao longo da Guerra Fria, tornou-se ainda mais relevante com os acordos de controle de armas, como o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) e os tratados SALT e START. Esses acordos, embora não tenham erradicado completamente a ameaça de um conflito nuclear, desempenharam um papel fundamental na mitigação da tensão global e na construção de uma arquitetura de segurança baseada no diálogo e no compromisso com o desarmamento gradual.

Em última análise, o estudo desta era e dos eventos que a marcaram revela como a política nuclear transformou profundamente as relações internacionais e a maneira como os Estados se relacionam com a guerra, a paz e a sobrevivência. Através dos acordos de controle de armas e da diplomacia, a humanidade conseguiu, por um período, evitar o desastre nuclear, embora o desafio de garantir um futuro livre de armas nucleares permaneça uma preocupação constante.

Com efeito, a permanência de arsenais nucleares no século XXI reforça a atualidade do tema e a necessidade de repensar os rumos da segurança internacional, não apenas com base na contenção, mas na cooperação global e no desarmamento efetivo. Só assim será possível assegurar uma paz duradoura, baseada na confiança e no compromisso com a sobrevivência humana.

Referências bibliográficas e documentais

Ávila, F. S., Martins, J. M., & Cepik, M. (s.d.). *Armas estratégicas e poder no sistema internacional: O advento das armas nucleares e a primazia nuclear norte-americana*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Beier, R. (2016). Hiroshima e Nagasaki: A impunidade do maior crime de guerra contra a humanidade. *Revista Posição*, 3(10), 18–22. Recuperado de file:///C:/Users/judis/Downloads/04beier010.pdf

Bird, K., & Sherwin, M. J. (2005). *American Prometheus: The triumph and tragedy of J. Robert Oppenheimer*. New York: Alfred A. Knopf.

Bjork, RS (1988) *Reagan and the nuclear freeze: "Star Wars" as a rhetorical strategy*. Taylor & Francis

Blanton, T. S. (2016). *Able Archer 83: The secret history of the NATO exercise that almost triggered nuclear war*. Washington, DC: National Security Archive.

Camaron Reed, B. (2010). *The Manhattan Project*. Jefferson, NC: McFarland.

Churchill, W. (1946). *The iron curtain speech*. Westminster College, Fulton, Missouri.

Cirincione, J. (2007). *Bomb scare: The history and future of nuclear weapons*. New York: Columbia University Press.

Encyclopedia Britannica. (n.d.). *Einstein–Szilárd letter*. Encyclopedia Britannica. Recuperado em 7 de maio de 2025. <https://www.britannica.com>

Fernandes, A. (2023). O Pacto de Varsóvia na Guerra Fria: Origens, evolução e impactos. *Revista Brasileira de História*, 43(91), 45–67.

Freedman, L. (2003). *The evolution of nuclear strategy* (3rd ed.). Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Galicchio, M. (2020). *Unconditional: The Japanese surrender in World War II*. Oxford: Oxford University Press.

Gavin, F. J. (2012). *Nuclear statecraft: History and strategy in America's atomic age*. Ithaca: Cornell University Press.

Gesteira, L. A. M. G. (2015). O modus operandi do capital imperialista e sua influência nos golpes de Estado na América Latina no cenário da Guerra Fria: Uma análise a partir da trajetória política de alguns protagonistas desse processo. *Revista de História Contemporânea*, 17(2), 223–248.

Gleijeses, P. (1995). Ships in the night: The CIA, the White House and the Bay of Pigs. *Journal of Latin American Studies*, 27(1), 1–42.

- Hersey, J. (1946). *Hiroshima*. New York: Alfred A. Knopf.
- Hobsbawm, E. (1994). *A era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Holloway, D. (1994). Nuclear weapons and the escalation of the Cold War, 1945–1962. In M.
- Leffler & D. Painter (Eds.), *Origins of the Cold War: An international history* (pp. 243–261). London: Routledge.
- International Atomic Energy Agency. (1968). *Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons (NPT)*. Recuperado de <https://www.iaea.org/topics/non-proliferation-treaty>
- Jervis, R. (1980). The impact of the Korean War on the Cold War. *The Journal of Conflict Resolution*, 24(4), 563–592.
- Jervis, R. (2002). Mutual assured destruction. In P. Williams, D. Goldstein, & J. Shafritz (Eds.), *Classic readings of international relations* (pp. 376–381). Belmont, CA: Thomson/Wadsworth.
- McGlinchey, S. (2009). The Marshall Plan, the Truman Doctrine, and the division of Europe. *E-International Relations*. Recuperado de <https://www.e-ir.info/2009/06/22/the-marshall-plan-the-truman-doctrine-and-the-division-of-europe/>
- Mendoza, D. H. de. (s.d.). *Entre el pacifismo y la energía nuclear (1930-1955)*. Recuperado de <https://www.universoeinstein.com.ar/hurtado.pdf>
- Narayanan, S. (s.d.). *The Tsar Bomba*. Nuclear Weapons Archive.
- North Atlantic Treaty Organization. (1949). *North Atlantic Treaty*. Recuperado de https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_17120.htm
- Okuno, E. (2015). As bombas atômicas podem dizimar a humanidade – Hiroshima e Nagasaki, há 70 anos. *Estudos Avançados*, 29(84), 209–218. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000200015>
- Reigota, M. (2013). *Hiroshima e Nagasaki*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Rhodes, R. (1986). *The making of the atomic bomb*. Simon & Schuster.
- Rottman, G. L. (2002). *Korean War order of battle: United States, United Nations, and Communist ground, naval, and air forces, 1950-1953*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Sandler, S. (2014). *The Korean War: No victors, no vanquished*. Lexington, KY: University Press of Kentucky.
- Schelling, T. C. (1960). *The strategy of conflict*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Stormseth, J. E. (1988). Origins of flexible response. *Political Science Quarterly*, 103(4), 597–616.

Truman, H. S. (1947). *The Truman Doctrine speech*. Washington, DC.

Tudball, D., Caginalp, G., Desantis, M., & Swigon, D. (2011). Mutual assured destruction. *Wilmott*, 2011(58), 36–47. <https://doi.org/10.1002/WILM.10011>

Vasconcelos, L. (2012). "Algumas características da readaptação de sobreviventes da bomba atômica em Hiroshima", *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 1992, Vol. 8, n°1, pp. 113-122. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17128/15614>

Walker, J. (2006). *Churchill's Third World War: British plans to attack the Soviet Empire 1945*. Stroud: The History Press.

Waltz, K. (1979). *Theory of International Politics*. Disponível em: https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/486328/mod_resource/content/0/Kenneth%20N.%20Waltz%20Theory%20of%20International%20Politics%20Addison-Wesley%20series%20in%20political%20science%20%20%20%201979.pdf

Wohlstetter, A. (1959). The delicate balance of terror. *Foreign Affairs*, 37(2), 211–234.

Wolverton, M. (2022). *Nuclear weapons: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.